



Scan to know paper details and
author's profile

From Shadow to Stage: Female Voices from São Gonçalo and the New Face of National Rap

Victor Hugo Sodré da Costa & Ana Claudia Ramos Sacramento

Universidade de Brasília

ABSTRACT

The study addresses the fundamental role and relevance of women in the development of the Rap musical genre in the city of São Gonçalo, in Rio de Janeiro and in Brazil. Despite facing obstacles such as sexism and lack of recognition, Rappers have shown resistance and creativity, creating their own space in the rhythm. Her authentic lyrics reflect personal and social experiences, challenging stereotypes and redefining the role of women in the Hip Hop movement. In addition to music, these artists serve as leaders and activists, using their influence to empower other young women. Thus, the research celebrates the influence of these women, who transformed Rap into a movement of social and cultural change.

Keywords: rap, women, são gonçalo.

Classification: LCC Code: ML3531

Language: English



Great Britain
Journals Press

LJP Copyright ID: 573355

Print ISSN: 2515-5784

Online ISSN: 2515-5792

London Journal of Research in Humanities & Social Science

Volume 24 | Issue 14 | Compilation 1.0



From Shadow to Stage: Female Voices from São Gonçalo and the New Face of National Rap

Da Sombra ao Palco: Vozes Femininas de São Gonçalo e a Nova Face do Rap Nacional

Victor Hugo Sodré da Costa^α & Ana Claudia Ramos Sacramento^σ

ABSTRACT

The study addresses the fundamental role and relevance of women in the development of the Rap musical genre in the city of São Gonçalo, in Rio de Janeiro and in Brazil. Despite facing obstacles such as sexism and lack of recognition, Rappers have shown resistance and creativity, creating their own space in the rhythm. Her authentic lyrics reflect personal and social experiences, challenging stereotypes and redefining the role of women in the Hip Hop movement. In addition to music, these artists serve as leaders and activists, using their influence to empower other young women. Thus, the research celebrates the influence of these women, who transformed Rap into a movement of social and cultural change.

Keywords: rap, women, são gonçalo.

Author α: Mestrando em Educação – Universidade de Brasília.

σ: Professora Associada do Departamento de Geografia Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

RESUMO

O estudo aborda o papel fundamental e relevância das mulheres no desenvolvimento do gênero musical Rap na cidade de São Gonçalo, no Rio de Janeiro e no Brasil. Apesar de enfrentarem obstáculos como o sexismo e a falta de reconhecimento, as Rappers têm mostrado resistência e criatividade, criando um espaço próprio no ritmo. Suas letras autênticas refletem experiências pessoais e sociais, desafiando estereótipos e redefinindo o papel da mulher no movimento Hip Hop. Além da música, essas artistas atuam como líderes e ativistas, usando sua influência para empoderar outras jovens.

Assim, a pesquisa celebra a influência dessas mulheres, que transformam o Rap em um movimento de mudança social e cultural.

Palavras-chave: rap, mulheres, são gonçalo.

I. INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, temos testemunhado um fenômeno transformador no cenário do Rap brasileiro: o crescimento exponencial da presença e influência das mulheres. Esta ascensão não é apenas um reflexo da evolução musical, mas também do poderoso movimento de empoderamento feminino que tem ganhado força em todas as esferas da sociedade. Desde os primórdios do Rap no Brasil, nos anos 90, as mulheres enfrentaram desafios significativos para se afirmarem como artistas dentro deste universo predominantemente masculino. Naquela época, a presença feminina nos palcos era escassa e muitas vezes subestimada, obrigando as poucas que se aventuravam a adotarem uma estética que ocultasse sua feminilidade, vestindo-se com roupas largas e masculinas para serem levadas a sério, conforme destaca Herschmann (1997, p. 204) afirma que “nenhuma delas usa roupas provocantes, com medo justamente de ser estigmatizada por isso. Sua indumentária lembra roupas pesadas e largas dos homens.”

Segundo Marques e Fonseca (2020), o Rap contribui para que as mulheres possam ter autorreconhecimento e autoafirmação no reconhecimento à igualdade ao destacarem em suas letras as suas identidades, suas experiências pessoais, seus sentidos de compreender os preconceitos, os estereótipos e as diferentes maneiras que elas percebem e analisam as suas vidas socialmente. Desta maneira, colabora para

que as mulheres possam lutar contra a desigualdade de gênero presente nas rodas de batalhas e em outros espaços.

Por isso, ao longo das décadas seguintes, um movimento gradual e poderoso começou a ganhar força. Mulheres como Negra Li, Karol Conka, Kamilla CDD, Clara Lima, Tasha e Tracie, Dina Di e Drika Barbosa emergiram trazendo identidade, desafiando estereótipos e reivindicando seu espaço nos palcos e estúdios. Elas não apenas trouxeram suas vozes únicas e perspectivas femininas para o Rap, mas também abriram caminho para uma nova geração de talentos femininos que estão moldando ativamente a cena musical brasileira.

Pode-se dizer que o crescimento da presença feminina no Rap não é apenas uma questão de números, mas também uma evolução cultural e social. As mulheres estão cada vez mais se unindo, fortalecendo-se mutuamente e reivindicando seu lugar de direito na indústria da música (Marques e Fonseca, 2020). Este movimento não se limita apenas à visibilidade nos palcos; é também sobre o reconhecimento e a valorização das experiências e perspectivas das mulheres na criação artística.

Além disso, as letras e temas abordados pelas artistas femininas no Rap brasileiro têm sido instrumentos poderosos de expressão e conscientização. Elas exploram questões de gênero, identidade, feminismo, desigualdade social e racial, desafiando normas e inspirando tanto mulheres quanto homens a refletirem sobre suas próprias posições na sociedade. Hoje, nomes como Bivolt, Azzy, Tássia Reis, Drik Barbosa, entre outras, estão continuando o legado das pioneiras, elevando ainda mais o perfil e a relevância das mulheres no Rap nacional e internacionalmente (Costa e Sacramento, 2023).

Essas Rappers começaram a dominar o território a partir do momento em que se reconhecem como parte do processo de criação e formação do Rap conjuntamente com os homens, demarcando e se identificando como expoentes parte da presença feminina não apenas enriquece a diversidade sonora do Rap, mas também enriquece o

movimento cultural como um todo, promovendo um ambiente mais inclusivo e representativo.

Compreende-se que estudar as mulheres no Rap nacional permite espacializar as diferentes manifestações que elas desenvolvem a partir de suas representações nas letras e nos movimentos de Rap, colaborando para os estudos na Geografia a partir das diferentes formas culturais presentes no espaço geográfico.

Desta maneira, este texto objetiva discutir a respeito da importância da mulher no Rap brasileiro, em especial ao município de São Gonçalo-RJ.

O estudo se baseia a partir da pesquisa qualitativa (Neves, 1996) a partir de levantamentos bibliográficos e documentais a respeito do Rap e da inserção das mulheres, neste território e a partir de pesquisa de campo para identificar onde acontecem as batalhas e quem é o público presente, sendo elas mulheres no Brasil e em especial no município de São Gonçalo (Costa e Sacramento, 2023).

É inegável que estamos vivendo um momento histórico no Rap brasileiro, no qual as mulheres não apenas estão quebrando barreiras, mas também redefinindo completamente o que significa ser uma artista de Rap neste país. Com suas vozes corajosas, habilidades impressionantes e mensagens profundamente impactantes, elas estão não apenas moldando a cena musical, mas também inspirando uma geração inteira de jovens a seguir seus próprios sonhos e desafiar as expectativas impostas pela sociedade.

II. AS MULHERES NO RAP BRASILEIRO

Costa e Sacramento (2023) destacam que este gênero musical nasceu em guetos urbanos para dar voz a experiências marginalizadas, mas enfrenta uma batalha constante contra preconceitos e estereótipos, especialmente quando se trata das mulheres que o abraçam. As artistas do Rap enfrentam frequentemente a criminalização de histórias que tratam de temas como violência, desigualdade social, racismo estrutural e vida cotidiana suburbana. Suas letras francas e muitas vezes provocativas são

interpretadas por alguns como uma ameaça ao status quo, levando ao preconceito e, em casos extremos, à criminalização.

O relatório de Arruda (2019) informa a necessidade contínua de esforços concertados para garantir uma representação justa nos festivais de música. Estas incluem o aumento da diversidade na curadoria de eventos, o reforço das políticas de inclusão e o apoio a artistas femininas, especialmente aquelas de origens racialmente diversas que frequentemente enfrentam várias formas de discriminação.

Botelho (2018) afirma que o movimento Hip Hop, principalmente nas periferias, é um dos mais importantes esforços de empoderamento dos últimos 30 anos. Ele argumenta que através da sua libertação das estruturas da indústria fonográfica comercial, o Rap adquiriu novas funções: educar, inspirar e promover novas perspectivas para jovens de comunidades marginalizadas. Esta função vai além do entretenimento e fornece uma plataforma para discussões críticas e apaixonadas sobre questões étnicas, regionais e globais. Em relação às mulheres no Rap, o autor destaca que embora houvesse mulheres pioneiras nas décadas de 1980 e 1990, sua presença era limitada. Nesse momento, o foco estava nas festas dançantes e passou a abordar questões étnico-raciais e o reforço da identidade negra.

A presença das mulheres no Rap brasileiro ao longo das décadas foi marcada por uma evolução de resistência, conquista e transformação. As mulheres enfrentam muitos obstáculos para se afirmarem como artistas e serem reconhecidas como iguais num gênero musical que tem sido historicamente dominado por homens, Herschmann (1997). Contudo, nas últimas duas décadas, a participação das mulheres aumentou exponencialmente, não só diversificando o mundo musical, mas também desafiando e redefinindo as narrativas culturais dominantes, como destacam (Marques e Fonseca, 2020, Costa e Sacramento, 2023).

Desta maneira, as Rappers estão se tornando cada vez mais proeminentes e influentes. Além de se

concentrarem na performance vocal, as mulheres também desempenham um papel importante na produção e mixagem musical e participam ativamente em outros aspectos da cultura Hip Hop, como o grafite e o breakdance. Aliás, com as rimas, as Rappers também abordam temas centrais como empoderamento feminino, violência contra a mulher e uma crítica à masculinidade que persiste na sociedade atual.

Assim, a crescente influência das mulheres não é apenas um reflexo de seu talento artístico individual, mas também um movimento em direção a uma indústria musical mais justa, mais inclusiva e verdadeiramente representativa da diversidade da sociedade brasileira, medindo o tamanho de seu progresso..

Entende-se que as mulheres potencializam as formas de pensar e agir no território uma vez que elas precisam se mostrar e sobressair para serem respeitadas e estarem presentes no espaço muitas vezes machistas e preconceituosos. Desta maneira, a Geografia colabora para a leitura e análise desses diferentes territórios ocupados pelas mulheres e os significados dessa corporeidade nas rodas de batalha, bem como em outros palcos.

Hoje, as mulheres no Rap não apenas continuam a defender o empoderamento feminino, mas também enfrentam abertamente a misoginia e se envolvem em uma resistência mais direta do que nas décadas anteriores. Este movimento reflete não apenas desenvolvimentos artísticos, mas também atitudes políticas e sociais que questionam as normas e incentivam a mudança. Mais mulheres estão assumindo papéis de liderança no Rap brasileiro, não apenas ultrapassando os limites da expressão artística, mas também redefinindo o papel da música como ferramenta de mudança social e cultural.

Como mostra o estudo de Arruda (2018), a presença crescente de mulheres em festivais de música brasileiros não apenas reflete uma tendência de crescimento numérico de longa data, mas também enfatiza a importância crítica da representação e da igualdade de gênero na indústria musical. Contudo, de acordo com um

estudo realizado pelo Itaú Cultural em 2022 (Morel e Santos), a representação feminina no Rap brasileiro é surpreendentemente baixa, de apenas 8%, e essa realidade também se reflete em outros gêneros musicais. Destarte, ainda precisa-se debater sobre a presença das mulheres no Hip Hop, especialmente no Rap, dado que é complexo uma vez que este gênero musical está profundamente enraizado no contexto social, cultural e econômico da sociedade. O Rap ocorre frequentemente nas periferias das cidades, refletindo dinâmicas de preconceito e procura expressar histórias autênticas que repercutam no público.

Esse movimento torna-se ainda mais importante, porque vai além da simples inclusão de mulheres na programação, pois catalisa mudanças sociais e culturais significativas.

Isto leva à pergunta: Por que a representação das mulheres no Rap ainda é tão baixa, destaca os desafios de viver em um mundo que muitas vezes é dominado pela masculinidade? Num cenário em que a maioria dos músicos, produtores e promotores são homens, as vozes femininas são frequentemente marginalizadas e lutam para obter igual reconhecimento e visibilidade. A necessidade de expandir a participação das mulheres no Rap não é apenas uma questão de representação, mas também uma questão de justiça social e cultural.

Incluir mais artistas femininas não só enriquece o gênero com novas perspectivas e experiências, mas também desafia os persistentes estereótipos de gênero da indústria musical. À medida que continuamos a pensar sobre estas questões, precisamos de um espaço mais inclusivo para todas as vozes no Hip Hop para garantir que o Rap realmente capte e reflita a diversidade da sociedade atual é essencial. O Rap feminino provou ser uma expressão poderosa de resistência e identidade na cultura de rua, enfrentando não apenas desafios artísticos, mas também a criminalização que muitas vezes acompanha o Hip Hop e a sua expressão.

Como afirma Klein (2002, p. 339), “É uma das ironias de nossa época que agora, quando a rua se

tornou a mercadoria mais quente na cultura da publicidade, a própria cultura das ruas esteja sitiada”. A criminalização manifesta-se em políticas públicas que restringem a liberdade de expressão artística, em práticas policiais que muitas vezes estigmatizam a juventude negra e em sistemas judiciais que muitas vezes punem a pobreza e a marginalização.

Desta maneira, concorda-se com Marques e Fonseca (2020, p. 27) que: “A Geografia possibilita compreender onde estão as mulheres, quem são e qual seu papel na produção do espaço, os fenômenos vivenciados por elas – segregação sócio-espacial e territorialidades, por exemplo –, além de contribuir no encontro de caminhos que possam tornar a produção do espaço mais justa, baseada na equidade”.

As mulheres são parte representativa no papel da construção espacial e as Rappers, ao se tornarem, presentes num espaço masculinizado, busca superar as desigualdades presentes nos espaços onde elas também podem estar inseridas para mostrar o papel de luta e de capacidade social e musical para representar seus lugares de origem.

III. METODOLOGIA DE PESQUISA

Este estudo parte das discussões realizadas na pesquisa de Costa (2022), durante o trabalho final de conclusão de curso, a respeito da cidade de São Gonçalo-RJ como berço dos talentos do Hip-Hop no qual tem saído muitos Rappers para o mundo.

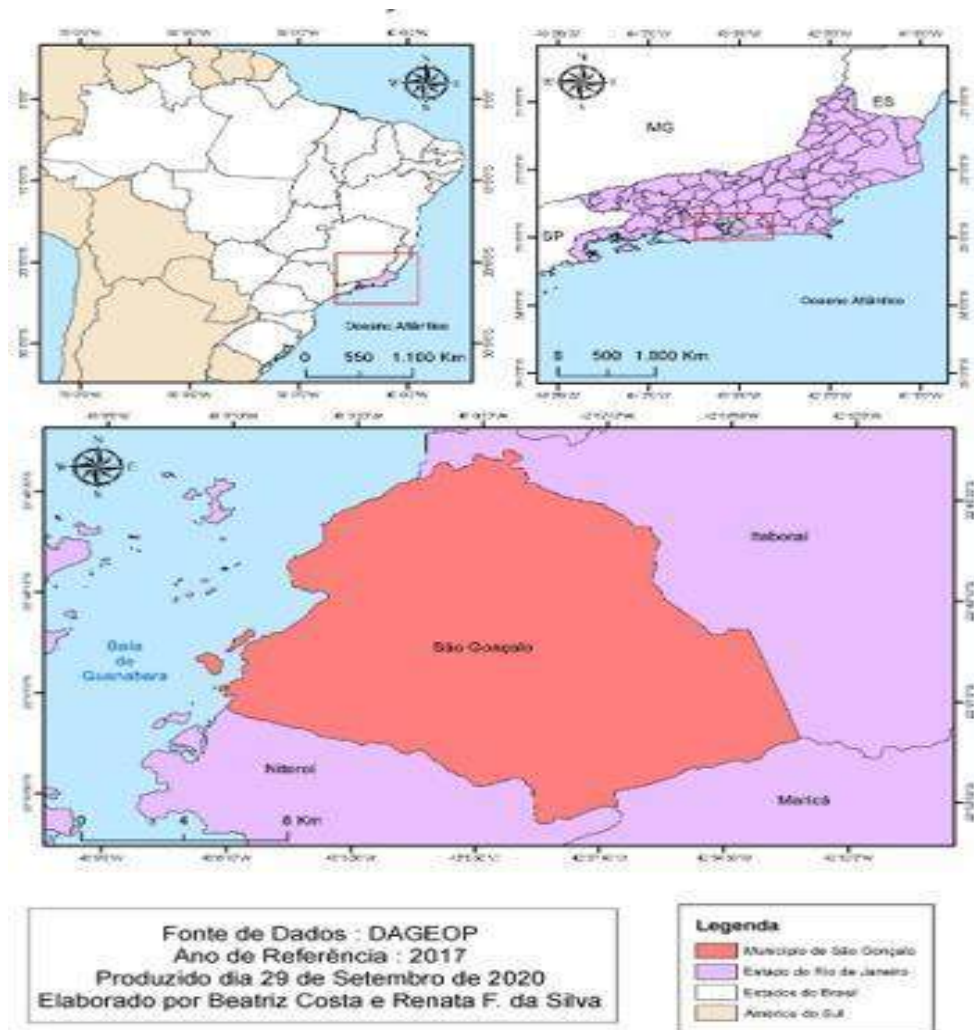
Ao longo de suas diferentes rodas culturais e batalhas de rimas, os e as diferentes Rappers têm se constituindo e se apropriando do território gonçalense em espaços públicos a fim de democratizar essa cultura no município.

A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, pois buscou identificar o modo como o rap contribui no desenvolvimento do processo de construção do ser e estar nas mulheres dentro desse movimento (Neves, 1996). Assim, como o pesquisador também se coloca ativo no meio da pesquisa estudada por ser de caráter social.

Durante a pesquisa de campo entre 2021 a 2022, Costa (2022) teve a preocupação de buscar compreender as dinâmicas do rap em São Gonçalo, e para tanto, mapeia em quais lugares se encontravam os rappers no município.

São Gonçalo, localizada a leste na região metropolitana do Rio de Janeiro, é o lugar de vivência de inúmeras situações cotidianas (Figura 1). É uma cidade com problemas sociais expressivos, no qual o tráfico de drogas, a violência urbana e a desigualdade urbana dinamizam formas de ações entre a população

local e os espaços de vivência. Também podemos considerar as baixas condições de vida e o acesso à cidade, por conta de uma melhora no saneamento básico, na dificuldade em determinados lugares ao acesso do transporte público, ainda ruas sem asfaltos e várias com iluminação precária, dentre outros elementos que fazem parte do cotidiano da cidade, não excluindo disso a cidade vivencia todos esses problemas do processo urbano caótico. Assim, o rap acaba sendo uma manifestação cultural e política frente às diferentes demandas que se apresentam à população (Costa, 2022).



Fonte: Grupo Dinâmicas Ambientais e Geoprocessamento (DAGEOP, 2020)

Figura 1: Mapa de Localização do Município de São Gonçalo-RJ

Nas atividades de campo realizadas por Costa (2022), as mulheres foram observadas presentes, buscando seus espaços num ambiente dominado pelos homens. Neste sentido, a partir de levantamento bibliográfico e de documental,

buscaram-se elementos para pensar sobre as rappers gonçalenses. Por isso, esta pesquisa versa a partir dos corpos femininos que estão presentes na cidade e que contam e cantam a partir de suas leituras de mundo sobre o universo gonçalense.

IV. A CIDADE DE SÃO GONÇALO COMO CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA DO RAP BRASILEIRO

Dentro da pesquisa de Costa e Sacramento (2023) eles observam-se os impactos da cultura do Hip-Hop na cidade de São Gonçalo para o mundo, por meio da pesquisa desses autores, ao mostrar os rappers que tiveram destaque e alcançaram fama com números de streaming e reproduções em plataformas de vídeo ou áudio de maneira elevada no ano de 2023. Dentre eles se destaca uma mulher, a Azzy.

A necessidade de se fazer representativa no cenário da cultura, fez com que uma educadora formada em Letras pela Faculdade de Formação de São Gonçalo, da UERJ, e a Rapper Aika Cortez sejam as responsáveis pelo projeto chamado “Batalha das Musas”, incentivando a participação de toda a sociedade, mas trazendo ao palco somente mulheres para as batalhas de rimas e improvisação. Criada em março de 2017 para celebrar o mês da mulher (oito de março), a batalha é realizada mensalmente. As batalhas focam no conhecimento e eliminam ataques pessoais, masculinidade, sexismo e estereótipos, resultando em muitos pontos positivos tanto para participantes quanto para espectadores.

Nesse aspecto, pode ser observado a promoção da igualdade de gênero e o empoderamento. Ao criar espaços no qual as mulheres possam expressar as suas competências e conhecimentos, as batalhas focam na participação das mulheres, mostrando que ambos todos têm uma contribuição para a cena do Hip Hop. Ao eliminar o machismo e o sexismo, este concurso proporciona um ambiente seguro e inclusivo para as mulheres participarem sem medo de discriminação ou estereótipos negativos (Fernandes e Herschmann, 2020).

Focado em tópicos educativos, as batalhas incentivam as participantes a explorarem e compartilharem informações sobre história, ciência, literatura e outros assuntos importantes, promovendo assim o aprendizado contínuo. O público, especialmente as mulheres jovens, pode ser inspirado ao ver outras mulheres demonstrarem conhecimento e inteligência e

incentivá-las a valorizar a educação e a busca pelo conhecimento. Ao eliminar ataques e insultos pessoais, o combate cria um ambiente de respeito mútuo onde os participantes se sentem valorizados e ouvidos.

As batalhas podem ser uma plataforma para as mulheres construírem amizades e cooperação que se apoiam umas às outras, em vez de se oporem ativamente. Ao enfatizar a diversidade do pensamento e das capacidades das mulheres, esta luta ajuda a quebrar os estereótipos de gênero e ajuda as mulheres a tornarem-se intelectualmente sofisticadas e criativas. Este formato fornece uma plataforma para que mais mulheres sejam vistas e ouvidas no mundo do Hip Hop tradicionalmente dominado pelos homens (Fernandes e Herschmann, 2020).

A participação nas batalhas ajuda as mulheres a melhorar as suas competências de comunicação, argumentação e apresentação de ideias. As rimas baseadas no conhecimento incentivam os participantes a serem criativos e inovadores na apresentação de informações. Este formato ajuda a redefinir o significado da Batalha de Rima e mostra que podemos competir de forma saudável e construtiva. Ao promover uma abordagem mais positiva e educativa, esta luta pode influenciar outras partes da cultura Hip Hop a adotarem práticas mais inclusivas e respeitadas. Este formato não só capacita as mulheres, mas também enriquece a cultura Hip Hop com novas perspectivas e valores positivos.

Outro evento de destaque na construção da identidade feminina do Rap gonçalense ocorreu na FFP/UERJ, onde a universidade se tornou palco de um evento transformador: o Trap Delaz. Este evento, dedicado exclusivamente a artistas femininas no universo do Rap, não apenas celebra o talento musical, mas também destaca o papel significativo das mulheres na participação cultural da cidade. Historicamente, São Gonçalo tem sido um caldeirão cultural, onde diversas vozes se entrelaçam para formar uma tapeçaria única de expressões artísticas e sociais. No entanto, a contribuição das mulheres muitas vezes foi subestimada ou negligenciada, especialmente em gêneros musicais tradicionalmente dominados

por homens, como o Trap, subgênero do Rap. A Trap Delaz surge como uma resposta a essa dinâmica, oferecendo um espaço exclusivo para que artistas femininas brilhem e compartilhem suas histórias, perspectivas e talentos. Este evento não apenas amplifica suas vozes, mas também redefine o que significa ser uma artista no cenário do Rap, desafiando estereótipos e abrindo caminho para uma representação mais inclusiva e diversificada.

Além de proporcionar entretenimento de alta qualidade, a Trap Delaz é um reflexo da evolução cultural e social de São Gonçalo. Ao destacar e valorizar o talento feminino, o evento contribui para fortalecer a identidade local, oferecendo um espaço de expressão e empoderamento para as mulheres da cidade. No contexto mais amplo, eventos como o Trap Delaz não apenas celebram a arte e a música, mas também promovem um diálogo sobre igualdade de gênero e representatividade na cultura urbana.

Elas desempenham um papel crucial na construção de uma comunidade mais inclusiva e resiliente, onde todas as vozes são ouvidas e todos os talentos são valorizados. Portanto, ao celebrar o mês do Dia Internacional da Mulher com o Trap Delaz, São Gonçalo não apenas honra suas artistas femininas, mas também reafirma seu

compromisso com a diversidade, a criatividade e o potencial transformador da cultura local. Este evento não é apenas uma festa musical, mas um marco na jornada contínua da cidade em direção à igualdade e ao reconhecimento pleno das contribuições das mulheres para sua identidade vibrante e multifacetada.

Entre as artistas de destaque nacional, mencionaremos a Azzy, a maior Rapper de São Gonçalo na atualidade (Figura 2). Como afirma Costa e Sacramento (2023) e Lima (2024), Azzy tem ganhado destaque na cena musical com sua habilidade lírica e presença marcante. Conhecida por abordar temas como empoderamento feminino, questões sociais e pessoais, Azzy tem conquistado uma base de fãs crescente. Aqui estão alguns números que ilustram seu impacto e sucesso. O canal de Azzy no YouTube tem milhões de visualizações em seus vídeos, com algumas músicas superando facilmente a marca de 10 milhões de visualizações. Como exemplo, sua colaboração com outras artistas e participações em "Cyphers" também acumulam grandes números de visualizações. No Spotify, possui centenas de milhares de ouvintes mensais, com algumas de suas músicas mais populares acumulando milhões de reproduções. Canções como "Liberdade" e "Empoderada" têm uma forte presença de destaque na plataforma.



Fonte: <https://www.facebook.com/CanalBis/videos/azzy-chegando-no-esp%C3%A7o-favela-s%C3%A9culo-ultimo-dia-do-rock-in-rio-2022/1088699432018006/>

Figura 2: Azzy durante apresentação no Rock in Rio 2022

Azzy conta com uma base significativa de seguidores no Instagram, onde compartilha atualizações sobre sua carreira, projetos futuros e insights pessoais. Sua presença na plataforma é ativa, engajando os fãs regularmente. Uma das músicas mais populares, "Liberdade", se destaca pela sua mensagem poderosa e produção de alta qualidade. A faixa conta com milhões de reproduções no Spotify e visualizações no YouTube. Outra faixa marcante, "Empoderada", reforça a posição de Azzy como uma voz importante no empoderamento feminino dentro do Rap.

A música é amplamente celebrada e frequentemente mencionada em discussões sobre o impacto das mulheres no Hip Hop brasileiro. Azzy já colaborou com diversos artistas renomados, aumentando sua visibilidade e alcance. Essas parcerias muitas vezes resultam em músicas que rapidamente ganham popularidade nas plataformas de streaming e redes sociais. Ela tem sido reconhecida por seu talento e impacto na música, recebendo indicações e prêmios em diversas cerimônias importantes no Brasil (Globo, 2022). Sua presença em festivais de música e shows ao vivo é constante, onde atrai grandes públicos e entrega performances energéticas e memoráveis. A artista continua a crescer tanto em popularidade quanto em influência, com novos lançamentos regularmente adicionados ao seu repertório. Seu futuro no Hip Hop brasileiro parece brilhante, com muitas oportunidades para expandir ainda mais sua carreira.

Com muito amor pela cidade de origem, a artista compôs uma música destacando a participação da metrópole em sua vida. Em "São Gonçalo", a artista revela uma poderosa afirmação de identidade, poder e resiliência, com uma narrativa que se destaca pela autoafirmação e pela denúncia social. Nascida em 2001 em São Gonçalo e criada no bairro Rio de Ouro, a artista utiliza sua música para retratar sua jornada pessoal e as realidades da periferia urbana.

Azzy, nome artístico de Isabela Oliveira da Silva, afirma ter conquistado suas realizações por mérito próprio, rejeitando qualquer dependência ou subordinação a outros. Ela continua

destacando sua origem humilde em São Gonçalo e sua ascensão para além dessas fronteiras, simbolizando uma vitória pessoal sobre as adversidades. A referência ao "poço eu vim lá do fundo" evoca uma jornada de superação pessoal e de enfrentamento dos desafios impostos pela realidade social e econômica. A música também confronta diretamente o sexismo e a misoginia presentes na sociedade e na indústria musical.

Assim, desafia estereótipos de gênero ao reivindicar seu espaço e reconhecimento como uma artista de Rap competente e respeitada. Ela reflete sobre as dificuldades enfrentadas por mulheres no Rap, onde habilidades muitas vezes são menosprezadas em comparação com seus colegas masculinos. Além disso, a artista aborda a importância de sua família e seu compromisso com suas filhas, enfatizando que seu trabalho e sucesso são motivados pela melhoria das condições de vida delas. Isso reforça a mensagem de responsabilidade pessoal e de inspiração para as gerações futuras. A música também inclui críticas à criminalização e ao estigma associados à cultura das ruas, onde a voz dos artistas de Hip Hop muitas vezes é reprimida ou distorcida pelas autoridades e pela mídia. Azzy se posiciona como uma figura que desafia essas narrativas negativas, buscando redefinir o papel do Rap como uma forma de expressão legítima e poderosa.

V. CONCLUSÃO

O desenvolvimento do Rap feminino em São Gonçalo é uma história de resistência, criatividade e transformação. O artigo destaca o papel fundamental que as mulheres têm desempenhado na criação e desenvolvimento deste gênero musical na região. A história da presença feminina é caracterizada pela superação de dificuldades, superação de barreiras e pela busca constante por espaço e reconhecimento dentro de um cenário historicamente dominado pelos homens. As Rappers de São Gonçalo e do Brasil enfrentaram e ainda enfrentam vários obstáculos, incluindo o sexismo, a discriminação e a falta de oportunidades.

Contudo, a sua determinação e paixão pela música ajudaram as mesmas a criarem a sua própria

plataforma, um espaço de resistência e expressão. Elas transformaram a adversidade em inspiração, usando suas experiências de vida como material para letras poderosas e autênticas. Ao desafiar estereótipos e mostrar que as suas vozes são essenciais, estas artistas não só redefinem o que significa ser mulher no mundo do Rap, como o reinventam.

A criatividade fica evidente na variedade de estilos e temas presentes em suas músicas. Desde questões sociais e políticas até experiências pessoais e empoderamento, estas artistas trazem perspectivas únicas e ricas para o Rap. São inovadoras não só na sua escrita, mas também na forma como se expressam e interagem com o público, utilizando as redes sociais e outras plataformas digitais para divulgar as suas opiniões e chegar a um público mais vasto. A influência dessas mulheres vai além da música.

São líderes, ativistas e líderes comunitários que trabalham para melhorar a realidade que os rodeia. Através de oficinas, palestras e projetos sociais, elas inspiram e capacitam outras jovens a seguirem seus sonhos e encontrarem suas vozes. Essa performance multifacetada mostra que o Rap feminino local e nacional não é apenas uma forma de arte, mas também um movimento de mudança social.

Desta forma, o artigo celebra as mulheres cuja coragem e criatividade moldam a identidade do Rap em São Gonçalo e além. Elas nos mostram que o palco é delas por direito e que sua contribuição é fundamental para a diversidade e riqueza do Rap brasileiro. Ao destacar as suas histórias e vozes, precisamos reconhecer e apreciarmos o imenso talento e resiliência destas artistas que continuam a inspirar e a abrir o caminho para as gerações vindouras.

REFERÊNCIAS

1. Arruda, T. L. (2019). A presença feminina nos festivais brasileiros de 2016 a 2018. Medium. Disponível em: <<https://medium.com/zumbido/a-presen%C3%A7a-feminina-nos-festivais-brasileiros-de-2016-a-2018-23b64f2a374>>. Acesso em: 1 jul. 2024.
2. Azzy. São Gonçalo. (2024) Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/azzy/sao-goncao/>>. Acesso em: 2 jun. 2024.
3. Botelho, R. S. (2018). UnB, 18h, quarta-feira, 1000º: a batalha da escada como espaço de esperança na autonomia do direito à cidade. 2018. 101 f., il. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Geografia)— Universidade de Brasília, Brasília.
4. Costa, V. H. S. (2022). O uso do Rap como ferramenta de ensino-aprendizagem nas aulas de Geografia: perspectivas sobre a cidade e o urbano. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Geografia) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro-Faculdade de Formação de Professores: Departamento de Geografia.
5. Costa, V. H. S, Sacramento, A. C. R. (2023). O Rap e a Geografia na cidade berço de talentos. 1a. ed. São Carlos: Pedro & João Editores.
6. Fernandes, C. S. M, Herschmann, M. (2020). Música, sons e dissensos: a potência poética feminina nas ruas do Rio. V.14, nº 2, p. 163-179, maio/ago. São Paulo – Brasil.
7. Globo. Como Azzy foi das batalhas de rima na periferia ao Rock in Rio: “Os caras tiravam sarro da minha cara”. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pop-arte/musica/rock-in-rio/2022/noticia/2022/09/07/como-azzy-foi-das-batalhas-de-rima-na-periferia-ao-rock-in-rio-os-caras-tiravam-sarro-da-minha-car-a.ghtml>>. Acesso em: 1 jul. 2024.
8. Herschmann, M. (Org.). (1997). Na trilha do Brasil contemporâneo. In: Abalando os anos 90: funk Hip-hop: globalização, violência e estilo de vida. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
9. Klein, N. (2002). Sem logo: a tirania das marcas num planeta vendido. Editora Record.
10. Lima, J. A. Leva a cultura Hip Hop para o Espaço Favela. Disponível em: <<https://www.anf.org.br/azzy-leva-a-cultura-hip-hop-para-o-espaco-favela/>>. Acesso em: 1 jul. 2024.
11. Marques, A.C. dos S, Fonseca, R. L. (2020). A representação das mulheres no Rap: instituindo espacialidades, quebrando barreiras. Revista do Departamento de Geografia. Universidade de São Paulo. v. 39, p. 25-37. Disponível em: <https://www.revistas.>

usp.br/rdg/article/view/158041. Acesso em 20 jul. 2024.

12. Morel, L., Santos, V. G. O funk e o rap em números. Revista Observatório 32. Publicado em 14/06/2022. Disponível em: <https://www.itaucultural.org.br/secoes/observatorio-itaucultural/revista-observatorio/rap-funk-numeros-industria-cultural>.
13. Mox, I. (2024). Trap Delaz terá sua primeira edição na FFP/UERJ em São Gonçalo. Disponível em: <<https://www.jornalDoRap.com.br/eventos/tRap-delaz-tera-sua-primeira-edicao-na-ffp-uerj-em-sao-goncalo/>>. Acesso em: 5 jun. 2024.
14. Neves, J. L. (1996). Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. São Paulo: Caderno de pesquisas em administração, v. 1, n. 3.